

PROGRAMA METODOLÓGICO DA SOCIOLOGIA

Pedro Demo

Resumo

Neste texto introdutório pretendo assinalar desafios metodológicos atuais da sociologia. seja para escoimar diatribes do assim dito 'pós-modernismo' para ver o que afinal resta de bom, seja para ressaltar a tradição persistente de questionamento metodológico que sempre marcou a sociologia, em particular na tradição da teoria crítica, seja para vislumbrar, com a devida cautela, o que se poderia imaginar para o futuro, também dentro da tradição criativa da imaginação sociológica. Aqui busco debruçar-me sobre o ponto de vista da metodologia, que entendo como referência epistemológica e metódica do conhecimento científico. Perscruta, num lado, possibilidades do conhecimento na condição atual da discussão sobre paradigmas que se querem científicos, e, noutro, produção e aplicação de métodos que corresponderiam ao anseio da demarcação científica. Estão em jogo, pois, dois horizontes entrelaçados: um mais geral (epistemológico) voltado para as condições de possibilidade do conhecimento humano em meio às disputas de paradigmas pelo menos em parte conflitantes, e outro mais doméstico (metodológico) voltado para a história própria de cientificidade.

Palavras-chave

Sociologia. Metodologia. Epistemologia.

THE METHODOLOGICAL PROGRAM OF SOCIOLOGY

Abstract

In this introductory text I intend to focus on current methodological challenges for sociology. My intent in doing so is to free it from diatribes of the so called 'postmodernism', so as to both emphasize the persistent methodological questioning that always marked sociology particularly, under the tradition of critical theory, as well as to glimpse, with due

caution. to what could be imagine to be the future of the creative tradition of the sociological imagination. Here I detain myself on the perspective of methodology which I believe constitutes an epistemological reference for scientific knowledge. On the one hand, I search possibilities under the current discussion on paradigms for scientific knowledge, and the other, I try to unveil the production and application of methods that would correspond to the longing for scientific demarcation. Two intercalated horizons are here into play: a more general one (an epistemological one) geared towards the conditions of possibility of human knowledge amid disputes of, at least partly conflicting paradigms: and other more domestic (methodological) geared towards the history of scientificity itself

Keywords

Sociology. Methodology. Epistemology.

Neste texto introdutório pretendo assinalar desafios metodológicos atuais da sociologia. seja para escoimar diatribes do assim dito 'pós-modernismo' para ver o que afinal resta de bom, seja para ressaltar a tradição persistente de questionamento metodológico que sempre marcou a sociologia, em particular na tradição da teoria crítica, seja para vislumbrar, com a devida cautela, o que se poderia imaginar para o futuro, também dentro da tradição criativa da imaginação sociológica. Algo disso fiz na recente obra *Introdução à Sociologia*, que recebeu o subtítulo de 'complexidade, interdisciplinaridade e desigualdade social' (DEMO, 2002), tentando encarar alguns desses reptos do ponto de vista da teoria. Aqui busco debruçar-me sobre o ponto de vista da metodologia, que entendo como referência epistemológica e metódica do conhecimento científico. Perscruta, num lado, possibilidades do conhecimento na condição atual da discussão sobre paradigmas que se querem científicos, e, noutro, produção e aplicação de métodos que corresponderiam ao anseio da demarcação científica. Estão em jogo, pois, dois horizontes entrelaçados: um mais geral (epistemológico) voltado para as condições de possibilidade do conhecimento humano em meio às disputas de paradigmas pelo menos em parte confluentes, e outro mais doméstico (metodológico) voltado para a história própria de cientificidade.

Tratando-se de 'osso duro de roer', não posso mais que fazer abordagem preliminar e tentativa, selecionando alguns tópicos que

poderiam melhor fomentar a discussão, Começo pelas posições de Morin (2002), porque talvez sejam as mais provocativas disponíveis. e sigo com a crítica da crítica pós-moderna (para ser devidamente 'pós-moderno' através do exercício da autocrítica), a fim de chegar a alguns desafios metodológicos mais concretos da hora atual em sociologia, como os anéis de interdisciplinaridade e complexidade, e não por último da dialética.

Homo sapiens demens

Morin costuma dividir águas. É aceito e rejeitado com o mesmo ardor. Típico *enfam terrible*, é possivelmente o sociólogo mais crítico e autocrítico atualmente, bem como, na tradição indomada francesa, incendiário contumaz. Em sua última obra, sobre 'humanidade da humanidade', Morin (2002) propõe extenso e intenso programa metodológico da sociologia, que aqui esboço muito sucintamente. Eis a primeira frase do texto: "Permanecemos mistério para nós mesmos" (MORIN, 2002, p. 10, tradução minha). Coloca logo a seguir o paradoxo: "Mais conhecemos, menos compreendemos o ser humano," Reconhece avanços prodigiosos do conhecimento com respeito à nossa situação no universo "entre dois infinitos (cosmologia, microfísica), sobre nossa matriz terrestre (ciências da terra), sobre nosso enraizamento na vida e na animalidade (biologia), sobre a origem e a formação da espécie humana (pré-história), sobre nosso enraizamento na biosfera (ecologia) e sobre nosso destino social e histórico", Mesmo assim, "a unidade complexa de nossa identidade nos escapa", porque não conseguimos realizar a convergência – "consiliência", na linguagem de Wilson (1998) - entre ciências e humanidades. O ser humano está ausente das ciências do mundo físico (embora seja máquina térmica também), está desvinculado do mundo vivo (embora seja animal igualmente), é estudado de modo fragmentado e isolado em todas as ciências, inclusive humanas.

1 Morin remete-se a uma célebre citação de Pascal: "*Quelle chimère est-ce que l'homme? Quel être nouveau, quel monstre, quel chaos. quel sujet de contradiction. quel prodige! Juge de toutes choses, imbecile sur de terre: dépositaire du vrai, cloaque d'incertitude et d'erreur; gloire et rebut de l'univers Qui d'émèlera ce débrouillement?*" (apud MORIN, 2002, p. 9).

caminho peremptório de sua cientificidade. porque dicotomias de espaços científicos já não sobrevivem. sem falar que o etos mais próprio das ciências humanas estaria. no fundo. se impondo: mais hermenêutico, mais flexível, mais complexo, mais não linear.

2 Crítica da crítica pós-moderna

Não busco retomar ao modernismo. até porque possivelmente sequer saímos dele, como diria Habermas (2002). Busco apenas relevar contradições de um discurso retificador que não consegue retificar a si mesmo. Começando pelo modernismo, uma de suas promessas mais altissonantes. ao lado da emancipação da sociedade. foi a da crítica conclusiva dos saberes dúbios e metodologicamente infundados, como **religião**, teologia, filosofia, senso comum. mitologias, etc. Acusava-os de serem argumentos de autoridade: sua consistência não provinha da qualidade formal. mas de influência externa. Cabe reconhecer que a derrubada do argumento de autoridade foi obra hercúlea e meritória, porque consagrou a autoridade do argumento. O que se diz em qualquer texto precisa permanecer de pé. não pela boca de quem o diz, mas pela consistência endógena dos argumentos utilizados. em particular da demonstração lógico-experimental. A contradição performativa (APPEL, 2000; 2000a) em que se envolveu o modernismo foi da crítica sem autocrítica. já que questionar e ser questionado é o mesmo gesto lógico. Não é viável forjar impunidade própria. porque desfaz-se o próprio argumento. Com isto. a ciência moderna se fez o próprio argumento de autoridade. ao apresentar-se como conhecimento único. já fundamentalista. como se usa dizer na discussão pós-colonialista. ao reconhecer a multiculturalidade do conhecimento europeu (HARDING, 1998). Esta crítica tem sua razão de ser. Não é impostura intelectual (SOKAL; ABRICMONT, 1999). O fundamentalismo do conhecimento eurocêntrico parece-me visível na maneira em como se fez argumento de autoridade peremptório, decretando o que é e não é verdadeiro. Foucault (2000) ressaltou a politicidade do conhecimento (DEMO, 2002b), unindo em sua noção de "arqueologia do saber" a dupla trilha social e lógica. Socialmente falando, conhecimento sempre foi parceiro do poder. conviveu com censura e manipulação, pode ser profundamente imbecilizante, já que quem sabe pensar dificilmente aprecia que outros também saibam pensar

(COLLINS, 1998). Logicamente falando, conhecimento não pode deixar de reconhecer que, sendo narrativa circular, inevitavelmente sem ponto de partida e de chegada peremptório, não pode postular condições de validade absoluta. Esta perspectiva sempre compareceu em positivistas mais críticos como Hume e Popper, que não conseguiam ver na base empírica fonte de conhecimento inconcusso (DEMO, 1995). A ciência pode falsificar hipóteses, não fazê-las definitivas. Entretanto, os ambientes ditos científicas, até hoje, tentam fazer crer que é possível produzir conhecimento válido não só para todos, mas para todo o sempre, com base na manipulação metodológica pretensamente neutra e objetiva, apesar da análise crítica de Kuhn (1975). A ciência, como fenômeno social, precisa institucionalizar-se, ou fazer-se paradigma, para obter validade social. Entretanto, este fenômeno implica sua decadência como criatividade que um dia foi. Tomando-se toda teoria mais ou menos oficial, já não é questionada, mas apenas reconfirmada e reproduzida, perdendo sua capacidade analítica crítica. O novo paradigma surge com *outsiders* que se recusam a ser discípulos, reivindicando a posição de mestres. Lembra Santos (2002, p. 15) que a "epistemologia imperial" eurocêntrica acarretou "epistemicídio" de outras culturas e saberes, impedindo a formação de qualquer globalização não hegemônica e alternativa. "A afirmação fundamental do pensamento crítico consiste na asserção de que a realidade não se reduz ao que existe" (SANTOS, 2002a, p. 25), ecoando o legado da teoria crítica, que pode ser vista como a participação maior da sociologia no espírito crítico moderno **avesso** ao positivismo.

O que se tem chamado de "pós-modernismo" (LVOTARD, 1989), em meio a inúmeras futilidades passíveis, colocou pleitos adequados, entre eles a necessidade de evitar a contradição performativa da ciência moderna, ao perder esta o 'desconfiômetro' método lógico, ironicamente. A tudo derrubou, para ficar sozinha de pé. Só não percebeu que este tipo de construção também pode ser derrubado, obviamente, tendo em vista que não pode ser científico o que não puder ser objeto de questionamento. O pós-modernismo, porém, incide na mesma ironia, não só porque, sendo circulares as metanarrativas, a sua também é, mas principalmente porque o gesto de autocrítica, menos que revelar tipo novo de santidade surpreendente, pode revidar a mesma artimanha, ao substituir a autoridade agressiva por outra aliciadora. Sendo conhecimento processo auto-referente, para recorrer à visão de Maturana (2001), não há meio objetivo

por exemplo por Pinker (2002), mesmo sob a noção de "natureza humana", para designar que nem tudo se faz na história. porque o ser humano nasce com certa hereditariedade. Na prática, o ser humano nem é consequência linear do destino, nem produto voluntarista. Pode fazer sua história, mas sob condições dadas. Pela via do conhecimento e da aprendizagem mudou muito sua história, apelando principalmente para as habilidades tecnológicas, mas isto não o tomou senhor de seu destino. simplesmente porque é também produto de um passado biológico e cultural que não domina. De tudo isso, decorre - assim parece - a conclusão de que estas idéias com cara pós-moderna cabem mais facilmente na dialética. desde que aberta e flexível.

Em especial, a dialética abarca mais facilmente o fim das certezas, já que certeza só lemos da incerteza (DEMO, 2000a; SALOMON, 2000). Não há método que produza certeza, até porque, se a produzir, é do método, não da realidade. A realidade é de tal modo complexa e não linear, que não se deixa devassar por qualquer cerco metodológico. Isto vale em particular para a sociedade. cujas estruturas resistem, mas acabam se dissolvendo. Entretanto, é mister estar atento para a dissonância metodológica deste enfoque: enquanto a realidade é imprecisa, o método necessita ser preciso. Um texto científico, para ser de verdade discutível formal e politicamente, carece de estruturação sistemática, lógica. coerente, consistente. evitando toda e qualquer imprecisão. O problema é que tem como objetivo captar realidade imprecisa. Daí segue reducionismo inevitável no método, já que captamos melhor. de longe. as faces mais formalizáveis da realidade. Entendemos melhor na dinâmica suas faces estruturadas, ou seja. o que não é dinâmico. porque a maneira metódica de fazer ciência é padronizadora. Dizemos, por isso. caos *estruturado*, O que não tem qualquer estrutura, não sendo padronizável, não entra em nosso cérebro. Todavia, crê-se que em toda dinâmica pode-se divisar alguma estrutura. porque não haveria modo de vir a ser que não detenha modo de ser. Realidade não é o que cabe no método (seria ditadura do método), mas o desafio de captação do método, cujo intento é sempre realizado aproximativamente. A incerteza acaba sendo o signo da abertura de uma teoria que persiste em saber aprender.

4 Programa **metodológico** da sociologia

Primeiro. a sociologia pode orgulhar-se de que sempre esteve atenta para a questão metodológica. Seus fundadores foram metodólogos eminentes: sempre questionaram o estatuto científico das ciências e em particular da própria sociologia – Marx inventou o materialismo dialético. Durkheim as "regras do método", Weber a sociologia compreensiva. A teoria crítica foi seu ponto culminante, quando uma Escola inteira fez boa teoria sob o olhar metodológico mais severo imaginável (FREITAG. 1986). Segundo. a sociologia participou ativamente de movimentos inovadores metodológicos. como até hoje é a assim dita pesquisa qualitativa. Por **vezes** engalfinhou-se no empirismo e nele desapareceu. oferecendo um tipo de sociologia banal tópica. Outras vezes. voou para alturas teóricas tão elevadas, que, lá de cima, já não se via mais nada na terra. O resultado mais imediato é que. até hoje. não se fez profissão. Ainda não sabemos o que o sociólogo faria como profissional... Terceiro, talvez por conta desta falta de chão mais concreto, o sociólogo permaneceu menos corporativista. é mais interdisciplinar, geralmente é mais crítico e indagador. por vezes também inovador. Sabe fazer crítica e autocrítica. porque aprendeu. em particular nos palanques da teoria crítica. que em ciência o único elogio válido é o crítico. O resto é alinhamento. Podemos. tendo a discussão acima nas costas, retirar algumas conclusões a título de um programa metodológico da sociologia. ainda que **em** termos muito preliminares.

I. O programa metodológico mais radical da sociologia é certamente o de Morin. por sua exigência de interdisciplinaridade e complexidade, além da inserção 'pós-moderna'. com todos os seus riscos e desafios. O conhecimento do ser humano em termos técnicos avança rapidamente, fazendo coro ao que se tem chamado "sociedade intensiva de conhecimento" ou coisa similar (CASTELLS, 1997. 1997a. 1998). Na contramão. porém. "continuamos mistério para nós mesmos", em todos os sentidos: porque conhecemos muito pouco nossa herança genética. nossa inserção cósmica e terrena, porque estamos perplexos com nossa agressividade social e ambiental, porque não conseguimos compor progresso com bem comum. Em termos metodológicos. Morin ressalta a necessidade de ultrapassar o reducionismo científico. a ditadura do

método, a fragmentação da sociedade, a imitação barata de paradigmas obsoletos clássicos, mas não menos o desafio de consolidar propostas de pesquisa que não confundam abertura maior com qualquer coisa. Seu namoro com a literatura, por exemplo, tem irritado os sociólogos, porque isto pareceria aguar ainda mais nossa hipertrofia discursiva, mas tem por objetivo apenas flexibilizar o olhar para além dos ritos metódicos que não passam de rituais vazios muitas vezes. Para entender melhor o ser humano, ciência apenas não basta. Dimensões como a da felicidade precisam nutrir-se também de tudo que passa pela habilidade humana de expressão física e espiritual, patrimônios milenares de sabedoria e bom senso, acervos culturais e subjetivos, aspirações e frustrações. Neste sentido, Morin representa a rebeldia metodológica que sempre marcou a sociologia, ou pelo menos certas correntes mais avançadas - mais importante que o método é a realidade; esta precisa comandar o processo de conhecimento, já que método é instrumento. Apesar da possível aparência de que Morin se perderia em inúmeras fronteiras inacabadas, sua visão é surpreendentemente prática, porque, ao retirar a sociologia das alturas nebulosas como é a ideia clássica da "teoria da ação social", impõe-lhe o dever de não só entender melhor o ser humano, mas também de lhe ser referência fundamental de uma vida que valeria mais a pena ser vivida. Ao fundo, emerge o descontentamento de que, após mais de um século de sociologia, a sociedade humana não teria ainda saído da barbárie. Para tanto teria contribuído o modo equivocado com que pesquisamos a sociedade, produzindo conhecimento esfacelado, ao mesmo tempo crédulo e prepotente. Seu recado mais forte talvez fosse: ciência com consciência.

2. O pós-modernismo está certamente 'fazendo água', em parte colhendo o que plantou. Mas deixou tipo de crítica fundamental, que é a exigência de autocrítica. algo que, aliás, não é tão difícil de encontrar nas fileiras sociológicas. a começar pela teoria crítica. A visão multicultural de ciência pode exagerar em diatribes em si compreensíveis, como o questionamento de seu colonialismo eurocêntrico, ou a fuga para o relativismo devasso de posições inconseqüentes. ou o gosto incontido pela fragmentação das culturas destituídas já de referenciais mais qualitativos, mas coloca questão pertinente. A pretensão universal precisa ser relativizada, sem recair no relativismo, não só porque serviu para propostas colonialistas até hoje. mas sobretudo porque é metodologicamente

inconsistente. Como diria Habermas, trata-se de "pretensões de validade", não de verdades. É justo que o discurso científico busque reconhecimento universal, mas este anseio provém de ser finito. cultural e biologicamente plantado. Assim como é ridículo imaginar a sociedade norte-americana como 'universal', como quer a doutrina fundamentalista de Bush, não é menos ridículo pleitear que 'a verdade' seja eurocêntrica. A idéia da autocritica como critério da critica veio para ficar e pode frutificar ainda mais na autoridade do argumento. Isto implica, claramente, que os ambientes de pesquisa precisam ser mais interdisciplinares. para que exista aprendizagem colnva mais fecunda. Sobretudo propostas de pós-graduação não poderiam mais ser monótonas, porque conhecimento 'disciplinar' passa ao largo da realidade. Embora o especialista não possa desaparecer - todo aprofundamento metodológico implica verticalização especializada - , a especialidade que não sabe conviver com outras afoga-se em si mesma (DEMO. 2000). Resulta a importância da inlerdisciplinaridade entendida como 'grupo de pesquisa', não como intento realizável individualmente. Para que o grupo não socialize a ignorância colnva, é imprescindível que cada membro possa contribuir com conhecimento do melhor quilate, o que exige, mesmo a contragosto, alguma especialização individual. Olhando deste ângulo. ambientes pós-modernos de pesquisa são muito mais complexos e exigentes, assim como pesquisa qualitativa é muito mais desafiante que a quantitativa, porque precisa convencer sem vencer.

t

3. Embora o pós-modernismo tenha se deliciado em desconstruir o conhecimento de cariz eurocêntrico, deixa como legado mais palpável a valorização do conhecimento crítico e autocrítica. ecoando a tradição da teoria crítica. Esta também sofreu muitas críticas, naturalmente, mas continua de pé com a idéia de que conhecer é questionar, não apenas confirmar, verificar, constatar. Muitas vezes, a critica se perde em si mesma, fazendo da autocritica a próxima armadilha. confundindo-se método com a vida em sociedade. A prática é fundamental para o conhecimento, não só como aplicação, mas principalmente como origem relevante e teste permanente. Apesar disso, a teoria crítica também contém a noção hoje muito apreciada do caráter formativo da pesquisa. como pode ocorrer em programas de iniciação científica - PIBIC, por exemplo. (CALAZANS, 1999). Frequentemente, sociologia se basta com a 'prática

teórica': os alunos estudam métodos e técnicas de pesquisa sem pesquisar. Hoje vemos que pesquisa não pode ser apenas evento curricular, mas ambiente de aprendizagem durante o curso inteiro (DEMO, 1996). Esta perspectiva reforça a noção de que, sendo conhecimento disruptivo tão fundamental para a cidadania da sociedade, uma das políticas sociais mais decisivas será "política social do conhecimento" (DEMO, 1999a), com o objetivo de formar uma população que saiba pensar. "Saber pensar" sempre foi expectativa das mais tradicionais em sociologia, porque surgiu do objetivo de "pensar a sociedade", embora muitas vezes se bastasse em apenas pensar ou se contentasse com discursos que ninguém entende. O caráter reflexivo da sociologia precisa continuar, com novo ânimo, porque a qualidade científica se funda, em primeiro lugar, na qualidade metodológica.

4. A sociologia carece aprender de algumas vertentes pós-modernas mais desconstrutivas, como, por exemplo, as noções de Prigogine sobre "estruturas dissipativas", "flecha do tempo", "fim das certezas". Embora tudo isso possa reverter-se em banalidades inacreditáveis, detém horizonte de profunda renovação metodológica. É preciso flexibilizar a noção de estrutura, que paralisou reflexões teóricas mais criativas, a par de evitar voluntarismos a gosto do Terceiro Mundo. A referência marxista continua mais viva que nunca – Marx sempre reviveu em seus críticos e adulterou-se em seus discípulos -, mas é fundamental reinterpretar para novos tempos (WRIGHT, 1993. Habermas. 1983). De um lado, há a tendência neoliberal de entender o capitalismo atual como 'novo', entre outras razões, para poder aposentar a teoria marxista do caráter abstrato de mercadoria. Faz coro a este panorama a noção francesa de "nova questão social" (DEMO, 1997), sem atentar para o fato de que Marx já previra a fase capitalista da mais-valia relativa, comandada por ciência e tecnologia. De outro, persiste a tendência de ortodoxismo, como se a realidade devesse adaptar-se ao marxismo, não o contrário. Exemplo disso parece-me a tese de Mészáros (2002) de extinção do poder político (confundido com o Estado burguês), deixando de perceber que politicidade é tão infra-estrutural quanto os condicionamentos econômicos. Assim, a sociologia tem o desalio de flexibilizar-se, não por charme, mas para melhor dar conta de realidade flexível, sem, contudo, perder qualidade sistemática. O repto

de captar com precisão realidade imprecisa está entre as coisas mais provocativas que temos pela frente.

5. As discussões em tomo da dialética talvez tenham como resultado principal a urgência de abandonar o profetismo em sociologia. Tanto o determinismo econômico, quanto o voluntarismo revolucionário representam posturas metodológicas inconsistentes, porque impõem à realidade comportamentos inventados pelo método, não pela história. Apesar de tantas teorias sociológicas disponíveis, é muito pouco o que sabemos dizer sobre a sociedade. Embora conhecimento não possa ser aquilatado apenas por sua utilidade prática, receitas sociológicas é o que certamente não temos, nem deveríamos ter. Sociologia não é auto-ajuda! Esta asserção pode refletir a cabeça de um sociólogo cansado, que redescobre todo dia que na prática a teoria é outra, ou que na teoria a prática é outra. Entretanto, nisto também Marx tinha razão: as grandes mudanças provêm de dentro, autopoieticamente. Usava esta idéia para afastar a intervenção humana como central (MARX, 1973) para a transformação da história humana, seguindo os ventos metodológicos da época (DEMO, 1995), porque não se colocava ainda a plicuidade da natureza humana (BOEHM, 1999). A participação humana em sua própria história não é algo espúrio, como se fosse marionete de si mesma. Também é algo autopoietico. A dialética histórico-estrutural usa as duas rédeas da estrutura e da história. na expectativa de que é possível apostar na cidadania, cuja qualidade maior não será o voluntarismo desvairado. mas a habilidade de manejar politicamente estruturas, usando, entre outros expedientes, conhecimento crítico inovador. Dai segue a inoperância proverbial de políticas sociais que não tomam em conta implicações estruturais econômicas.

Olhando a cena geral, porém, a impressão que sobra é de uma sociologia acomodada. Cansamos de guerra, certamente porque nunca a fizemos. embora a discutamos. Há razões de sobra para desânimo ou desconfiança frente às políticas públicas, a economia do país, ao contexto globalizado da competitividade, à miséria das democracias ocidentais, à penúria das sociedades, à depredação da natureza, ao desmonte do Estado e até mesmo ao recuo do PT no governo. Este cansaço, diria, é algo 'pós-moderno', no sentido da refrega por conta de promessas não cumpridas, das quais participamos alegremente. A tentação de relativismo bate à porta.

O olhar dos clássicos pode aqui nos retemperar, porque combateram o bom combate, mais do que tiveram êxito. Ainda acredito que boa metáfora do sociólogo é D. Quixote. A arte maior desta figura que muitos descartariam é de dar sentido ao que não tem sentido. A função utópica da sociologia é a razão da crítica autocrítica.

5 Para concluir

Devo aceitar que um programa metodológico da sociologia desborda qualquer esforço individual. Só pode ser esboço preliminar. Todavia, a pretensão maior foi tanto de resgatar tradições metodológicas da sociologia, quanto de acenar para novos embates. Esta desconstrução reconstrutiva é fundamental: não se alinha, porque seria subserviência, mas sabe reconstruir o que há de melhor em nossa história. Neste sentido, o recado principal estaria na devoção com que é mister dedicar-se à autoridade do argumento. para convencer sem vencer. Esta idéia não calça apenas o desafio de fazer ciência, mas principalmente da formação cidadã. Relembrando Habermas, a democracia nutre-se desta esfera pública onde só cabe argumentar sem impor e desimpedidamente. Saber pensar é marca da sociologia. Deverá continuar. Muitas vezes o sociólogo não tem dinheiro, talvez sequer emprego, não tem prestígio maior nem cargo de confiança, porque sua 'profissão' continua no limbo. Resta-lhe argumentar! Saber argumentar!

Referências

ALTHUSSER, L. 1971. *La revolución teórica de Marx*. México: Siglo XXI.

ALTHUSSER, L.; BALIBAR, E. 1970. *Para leer El Capital*. México: Siglo XXI.

APPEL, K.-O. 2000. *Transformação da filosofia I: Filosofia analítica, semiótica, hermenêutica*. São Paulo: Loyola.

_____. 2000a. *Transformação da filosofia 1: O a priori da comunidade de comunicação*. São Paulo: Loyola.

Pedro Demo

ARONOWITZ, S. 2000. *The know/edge factory*: dismantling the corporate university and creating true higher learning. Boston: Beacon Press.

BARROW, J. D. 1994. *Teorias de ludo*: a busca da explicação final. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. 1998. *Impossível é v*: the limits of science and the science of limits. Oxford: Oxford University Press.

BAUMAN, Z. 1999. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. 2001. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. 2003. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BIOCH, E. 1959. *Das Prinzip Hoffnung*. Frankfurt: Suhrkamp. 2 v.

_____. 1961. *Zur Ontologie des Noch-Nicht-Seins*, Frankfurt: Suhrkamp.

BOEHM, C. 1999. *Hierarchy in the forest*: the evolution of egalitarian behavior. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

BOFF, L. 2000. *Ethos mundial*: um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letraviva.

CALAZANS, J. (Org.). 1999. *Iniciação científica*: construindo o pensamento crítico. São Paulo: Cortez.

CASTELLS, M. 1997. *The information age - economy, society and culture, J*: The rise of the network society. Oxford: Blackwell.

_____. 1997a. *The information age - economy, society and culture. 2*: The power of identity. Oxford: Blackwell.

_____. 1998. *The information age - economy, society and culture. 3*: End of millennium. Malden: Blackwell.

- COLLINS, R. 1998. *The sociology of philosophies: a global theory of intellectual change*. Cambridge, Mass.: The Belknap Press of Harvard University Press.
- DAWKINS, R. 1995. *The selfish gene*. Oxford: Oxford University Press.
- DE LANDA, M. 1997. *A thousand years of nonlinear history*. New York: Swerve Editions.
- DEMO, P. 1995. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.
- _____. 1996. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados.
- _____. 1997. *Charme da exclusão social*. Campinas: Autores Associados.
- _____. 1999. *Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*. Petrópolis: Vozes.
- _____. 1999a. *Política social do conhecimento: sobre futuros do combate à pobreza*. Petrópolis: Vozes.
- _____. 2000. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas.
- _____. 2000a. *Certeza da incerteza: ambivalências do conhecimento e da vida*. Brasília: Plano.
- _____. 2001. *Pesquisa e informação qualitativa*. Campinas: Papi rus.
- _____. 2001a. *Dialética da felicidade: olhar sociológico pós-moderno*. Petrópolis: Vozes. v. I.
- _____. 2002. *Introdução à sociologia: complexidade, interdisciplinaridade e desigualdade social*. São Paulo: Atlas.
- _____. 2002a. *Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento*. São Paulo: Atlas.
- _____. 2002b. *Politicidade: razão humana*. Campinas: Papi rus.

Pedro Demo

_____. 2003. *Pobreza da pobreza*. Petrópolis: Vozes.

EDELMAN, G. M.: TONONI, G. 2000. *A universe of consciousness: how matter becomes imagination*. New York: Basic Books.

ENGELS, F. 1971. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Lisboa: Estampa .

FEYERABEND, P. 1977. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

FOUCAULT, M. 2000. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.

FREITAG, B. 1986. *A teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense.

GARDNER, I. N. 2003. *Biocosm - the new scientific theory of evolution: intelligent life is the architect of the universe*. Makawao: Inner Ocean Publishing.

GORENDER, J. 1999. *Marxismo sem utopia*. São Paulo: Ática.

GOULD, S. J. 2002. *The structure of evolutionary theory*. Cambridge, Mass.: The Belknap Press of Harvard University.

GOYARD-FABRE, S. 2003. *O que é democracia?* Lisboa: Martins Fontes.

GREENE, B. 1999. *The elegant universe; superstrings, hidden dimensions, and the quest for the ultimate theory*. New York: W.W. Norton & Company.

GRIBBIN, J. 1998. *The search for superstrings. symmetry, and the theory of everything*. New York: Little, Brown and Company.

HABERMAS, J. 1983. *Para a reconstrução do materialismo histórico*, São Paulo: Brasiliense.

- _____. 1989. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____. 1990. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____. 2002. *Agir comunicativo e razão descentralizada*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- HARDING, S. 1998. *Is science multiculturalist: postcolonialisms, feminisms, and epistemologies*. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press.
- HARDT, M.; NEGRI, A. 2001. *Império*. São Paulo: Record.
- HARRIS, J. R. 1998. *The nurture assumption: why children turn out the way they do*. New York: Simon & Schuster.
- HOFSTADTER, D. R. 2001. *Gödel, Escher, Bach: um entrelaçamento de gênios brilhantes*. Brasília: Editora UnB.
- HONNETH, A.; JOAS, H. 1988. *Kommunikatives Handeln: Beiträge zu Jürgen Habermas' "Theorie des kommunikativen Handelns"*. Frankfurt: Suhrkamp.
- HÜRGAN, J. 1997. *The end of science: facing the limits of knowledge in the twilight of the scientific age*. New York: Broadway Books.
- KÜNDER, L. 1989. *A derrota da dialética*. São Paulo: Campus.
- KUHN, T. S. 1975. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- LYÜTARD, J.-F. 1989. *La condición postmoderna: informe sobre el saber*. Madrid: Cátedra.
- MARX, K. 1973. *Contribuição para a crítica da economia política*. Lisboa: Estampa.